



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares

GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

EDUCAÇÃO, SUPERDOTAÇÃO E RACISMO

EDUCATION, GIFTEDNESS AND RACISM

Patricia Neumann¹

RESUMO

O objetivo deste estudo foi levantar o número de artigos da Revista da ABPN de 2010 a 2024. Dentro disso, levantar o número de artigos em Educação, em Educação Especial e Inclusiva, neurodiversidade e superdotação. O método foi documental, exploratório e quantitativo. Os resultados foram 1.054 artigos em que 330 na Educação, 3 na Educação Especial e Inclusiva e nenhum sobre neurodiversidade ou superdotação. Discute-se a relação entre racismo, superdotação e educação em que as representações de senso comum acerca da superdotação estão influenciadas, ao menos em parte, também pelo racismo. Isto prejudica a identificação e o desenvolvimento de pessoas superdotadas negras, desde a infância. Considera-se que o sistema social invizibiliza e até exclui eficiências, bem como há expressiva importância da posição antirracista e construção de espaços dentro e fora da educação formal que reconheçam a existência de pessoas superdotadas e de seu potencial.

Palavras-Chave: Superdotação. Racismo. Educação. Talento.

ABSTRACT

The objective of this study was to survey the number of papers in the ABPN Journal from 2010 to 2024. Within this, to survey the number of articles on Education, on Special and Inclusive Education, on neurodiversity and on giftedness. The method was documentary, exploratory and quantitative. The results were 1,054 articles, 330 in Education, 3 in Special and Inclusive Education and none on neurodiversity or giftedness. The relation among racism, giftedness and education was debated where common sense representations about giftedness are also influenced, at least in part, by racism. Identification and development of black gifted people right from childhood have been harmed. It is considered that the social system invalidates and even excludes efficiencies, as well as the importance of an anti-racist stance and the construction of spaces inside and outside formal education to recognize the existence gifted people, and their potential.

Keywords: Giftedness. Racism. Education. Talent.

¹ Mestra em Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: souhumanista@gmail.com

Altas Habilidades ou Superdotação e Inclusão Escolar: Reflexões a partir de Evidências Científicas. Edição Especial. Aquidauana, v. 2, n. 18, ago. 2025

1 INTRODUÇÃO

Superdotação e altas habilidades, no Brasil, são conceitos que se referem a mesma coisa e tem como referência geral as Diretrizes da Educação Especial (1995) que define como pessoas superdotadas as que têm elevado desempenho e potencial na área intelectual, acadêmica, de liderança, de pensamento criativo, no talento para artes e/ou na motricidade. Esta definição é mais abrangente em sua aplicação e, com ela, é possível dialogar diversas outras mais específicas conforme diversas teorias de diferentes países. A definição de superdotação que tem sido mais conhecida, no Brasil, é a formulada por Joseph Renzulli (1997; 2020; 2021) a partir de sua Teoria dos Três Aneis, do Modelo Triádico de Enriquecimento e, mais recentemente, dialogada à Operação *Hounds tooth* com vistas à educação de pessoas superdotadas e desenvolvimento do capital social.

Em síntese, superdotação, para Renzulli (1997, 2020; 2021), é a combinação e interconexão de diferentes proporções da expressão de habilidades acima da média, de comprometimento com tarefas de interesse e criatividade, sendo que cada um desses fatores é representado por um anel. Juntamente, na base disso estão outros fatores representados por um tecido entrelaçado que se refere ao meio social e tudo que nele incide a favorecer ou desfavorecer o desenvolvimento. Conectado a isso, estão os fatores cocognitivos, isto é, fatores que se conectam ao âmbito intelectual com vistas ao desenvolvimento social. A expressão da superdotação, nesta perspectiva, se dá a partir da interrelação entre fatores individuais de cada pessoa e seu meio social.

Por outro lado, há conceitos de superdotação nem mesmo mencionados ou pensados, ainda, no Brasil e, por isso, desconhecidos ao debate sobre a pluralidade de perspectivas e contribuições à compreensão deste fenômeno. Um exemplo é a definição do Conselho de Ciências Humanas e Investigação da África do Sul que delimitou um conceito de superdotação voltado ao meio escolar. Segundo Ngara (2017), superdotadas são pessoas que “em virtude do seu talento ou das suas capacidades superiores realizadas numa ou mais dimensões pessoais, são capazes de um desempenho consistente e excepcional e são identificáveis com base nas suas realizações ou no seu potencial de realização” (Ngara, 2017). Segundo Ngara (2017), no continente africano, a superdotação é pouco definida na maior parte do continente e, consequentemente, instrumentos de identificação e avaliação, bem como o atendimento educacional são escassos. Até o momento, apenas a África do Sul tem programas de atendimento educacional especializado formalmente definidos.

No Brasil, praticamente, nada se conhece sobre perspectivas africadas do que se nomeia como superdotação ou de povos originários sulamericanos. Trata-se de um país com imensa diversidade cultural e de origens, bem como com várias questões de âmbito social que constituem uma estrutura de funcionamento que afeta o desenvolvimento de pessoas, em especial, as neurodivergentes. Neste



contexto, então, este texto suscita reflexões sobre educação, superdotação e racismo a partir de uma análise interseccional.

Questões sociais estruturais como o racismo afetam diretamente o desenvolvimento de talentos de todas as pessoas, principalmente pessoas negras em um país como o Brasil. Pessoas brancas também são afetadas no sentido de receberem permissão social para reproduzir a violência racial, o que sinaliza para que a educação racial é para todas e todos. Para melhor discutir sobre isso, fez-se um levantamento do número de artigos publicados na Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN) sobre pessoas negras superdotadas, de 2010 a 2024.

2 MÉTODO

Este estudo tem caráter documental, exploratório e quantitativo. Sua fonte foi textos na modalidade artigo da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN). Dois recortes foram feitos. O primeiro foi de artigos que têm pelo menos uma destas palavras-chave, no título e/ou no resumo: educação, ensino, escola, pedagogia, professor, docente, aluno e/ou estudante. Dentro deste primeiro recorte, o segundo foi uma busca por artigos com palavras-chave Educação Especial, neurodiversidade, altas habilidades e superdotação. A base dos busca foi o site da revista no endereço eletrônico <https://abpnrevista.org.br/site/about>. No que se refere à análise, contabilizou-se o número total de artigos e a número de artigos por cada número da revista. A busca foi manual do primeiro volume e número até o último disponível no site, ou seja, de 2010 a 2024. Cada título foi aberto e o título e resumo copiados e colados em um documento do Word, em uma tabela com ano, volume e número. Foram somados o total de artigos, no geral; o total de artigos sobre Educação, no geral; o total de trabalhos em Educação Especial e Inclusiva; o total de artigos sobre neurodiversidade e, por fim, sobre pessoas negras superdotadas.

3 RESULTADOS

Entre 2010 e 2024, em 18 volumes, 46 números e 16 edições especiais, foram encontrados 1.054 artigos dentro do recorte delimitado. Dentro disso, 330 sobre Educação, o que indica 31% dos artigos publicados. Dentre os 330 artigos sobre Educação, apenas três foram sobre algum público da Educação Especial e Inclusiva e nenhum sobre superdotação. Vejamos a Tabela 1, com os resultados.



Tabela 1. Número de Artigos e Porcentagem

Categorias de Artigo	Total de 2010 a 2023	%
Geral	1.054	100%
Educação	330	30,7%
Educação Especial e Inclusiva	3	0,2%
Neurodiversidade	0	0%
Superdotação	0	0%

Fonte: autoria própria (2025).

Dentre os artigos sobre públicos da Educação Especial e Inclusiva, cabe destacar que um deles foi sobre o estigma de estudantes negros com deficiência, na escola (Scholz, 2021); o outro sobre a identidade de mulheres negras surdas (Silva *et al.*, 2023) e o terceiro sobre surdez (Silva, 2022), porém, sem menção específica no título nem no resumo à interseccionalidade de raça, gênero ou outra.

Quando olhamos para os resultados deste levantamento das produções científicas dentro da revista, o que se evidencia, inicialmente, são dois dados. O primeiro resultado foi que, em quatorze anos de existência do periódico, 31% das publicações são sobre Educação em que há ampla diversidade de temas. O segundo resultado foi que há ínfima presença de estudos dentro da modalidade da Educação Especial e Inclusiva, apenas 0,2%. Quando olhamos para a porcentagem de artigos em Educação Especial e Inclusiva somente dentro do recorte da Educação como um todo, esta modalidade é de 0,9%, ou seja, não chega a 1%. Dentro disso, nenhum estudo sobre superdotação foi encontrado, nem sobre neurodiversidade.

4 DISCUSSÃO

Neurodiversidade é um conceito recente, publicado pela primeira vez, em 1999, por Judy Singer, com o propósito de nomear a vivência de pessoas autistas. Trata-se tanto de um conceito para nomear um fenômeno quanto um movimento social em prol das necessidades específicas de pessoas neurodivergentes. Neurodiversidade se refere às diferenças e singularidades de estrutura e funcionamento neurobiológicos de certo grupo de pessoas. Dentro disso, também se localizam termos como pessoa neuroconvergente e neurodivergente. Neuroconvergente ou neurotípicas são pessoas com estrutura e funcionamento neurobiológicos que apresentam certo modo mais comum. Por exemplo, elas tendem a aprender e a se relacionar socialmente de modo mais esperado e, por isso, também tendem a ser interpretadas, culturalmente, como pessoas normais. Embora o termo normal tenha problemas no sentido de vir de uma perspectiva mais inflexível que defende uma homogeneidade da espécie, como construção social, hoje, normalidade ainda tem sido associada às pessoas de funcionamento neuroconvergente. Rosqvist, Stenning e Chown (2020) explicam que

também é uma construção que se origina no modelo médico em que pessoas neurotípicas são as que não apresentam transtornos ou distúrbios. Em contrapartida, pessoas neuroatípicas ou neurodivergentes são, assim, as que têm estrutura e funcionamento neurobiológico diferenciado, as com transtornos e/ou distúrbios.

O modelo médico de deficiências ou déficits coloca pessoas com Transtornos de Neurodesenvolvimento ou outras deficiências como tendo defeitos e perturbações, as quais são centradas somente na pessoa, individualmente. Com isso, emergem dois objetivos que são evitar que a pessoa se desvie das normas ideais da sociedade, que está construída para pessoas neurotípicas, e melhorar as dificuldades que a pessoa neurodivergente e/ou com deficiência vive justamente por causa da organização e funcionamento da sociedade que não é pensada para ela. No que se refere a melhorias, envolvem dispositivos legais e tratamentos de saúde como a medicação e terapias, com o intuito de minimizar as deficiências com vistas ao funcionamento social que envolvem, por exemplo, a educação e o trabalho. Neste modelo neurotípico, as vivências de pessoas neurodivergentes só são reconhecidas para diagnóstico e tratamento, especialmente, medicamentoso (Rosqvist, Stenning e Chown, 2020).

Em contrapartida, há o modelo social que se coloca contra este modelo médico de deficiência. O modelo social se volta para como a sociedade está construída, em todos os âmbitos, de modo a prejudicar e impedir o desenvolvimento de pessoas com deficiência(s). Trata-se de um modelo que identifica as barreiras que existem para pessoas que não se encaixam no dito padrão, o qual restringe ou impede as escolhas e vivências. As barreiras são tanto de ordem social quanto físicas, por exemplo, a falta de rampa para pessoas cadeirantes ou os preconceitos contra deficiências. As barreiras fazem com que inexista equidade de oportunidades de desenvolvimento. Embora o modelo social considere e defenda mudanças sociais para que estas pessoas recebam oportunidades tal qual as demais, o que já é um significativo avanço em relação ao modelo médico, também as vivências de pessoas neurodivergentes são minimamente reconhecidas (Rosqvist, Stenning & Chown, 2020).

Neste contexto, então, emerge a neurodiversidade como um movimento social que defende que “as diferenças incorporadas podem trazer novas formas de conhecimento e potencial na vida individual ou familiar” (Rosqvist, Stenning & Chown, 2020, p. 4). Significa, destaco, que junto aos dispositivos legais de direitos, o atendimento médico e de saúde necessários para melhoria da qualidade de vida, as mudanças físicas e de mentalidade social, é preciso reconhecer as diferenças estruturais e de funcionamento das pessoas neurodivergentes e sua vivência que decorre disso. Juntamente, conforme colocado por Rosqvist, Stenning & Chown (2020), o movimento da neurodiversidade problematiza a separação entre o que é normativo (normal) e não-normativo (anormal), em que se pressupõe que o normal é saudável e o anormal patológico. A neurodiversidade



discute e defende, então, que o que realmente existe é uma imensa diversidade de modos de funcionar e vivenciar o mundo, sem conotação de normal e anormal. Neurodiversidade também se volta ao âmbito político, em defesa da justiça social por haver desigualdades de oportunidades de desenvolvimento para pessoas neurodivergentes.

Dentro disso, localizam-se as pessoas com altas habilidades ou superdotação, termos que são equivalentes, no Brasil. Nisto, tem-se a Educação como um todo e, dentro dela, a Educação Especial e Inclusiva, a qual tem como público alvo pessoas com Deficiência(s), Transtornos de Neurodesenvolvimento e Altas habilidades ou Superdotação. Por extensão, também atua com o público com condição múltipla em que são pessoas com “um conjunto complexo e transdimensional de características biopsicológicas e socioculturais que dão base para um modo singular de sentir, pensar e agir no mundo consigo e com os outros. Uma condição tem elementos que permanecem ao longo da vida e elementos que mudam” (Conceição & Neumann, 2021, p. 55). Assim, saliento que na múltipla condição estão as pessoas superdotadas e um ou mais Transtornos de Neurodesenvolvimento e/ou também uma ou mais deficiências, à exceção da Deficiência Intelectual (DI). Isto porque superdotação e DI são funcionamentos incompatíveis de existirem, ao mesmo tempo, por serem consideravelmente diferentes em seu funcionamento intelectual indicado, por exemplo, quando se mensura o quociente intelectual, dentre outros modos de identificação. A superdotação se encontra, no âmbito intelectual, acima da média da população em quociente intelectual e a DI se encontra abaixo da média, isto é, em extremos opostos.

Quando se fala em superdotação, assim como outros fenômenos, é comum que emergam, de imediato, representações e imagens mentais acerca de quem é a pessoa superdotada. Estas representações, inicialmente, são as crenças do senso comum. Dentre elas, segundo Antipoff e Campos (2010) Rech e Freitas (2005) e Reis e Renzulli (2009), tem-se que pessoas superdotadas já nasceram assim ou, ao contrário, que superdotação é resultado de muito estímulo da família; que só existe superdotação em níveis socioeconômicos mais favorecidos, que a pessoa superdotada não precisa de atendimento educacional especializado, pois já sabe tudo; que sempre apresenta alto desempenho em todas as disciplinas escolares, que tudo lhes é fácil, que a criança sempre será uma pessoa adulta de sucesso e que são um grupo homogêneo. Saliento que existem várias outras crenças, mas selecionei estas para esta discussão.

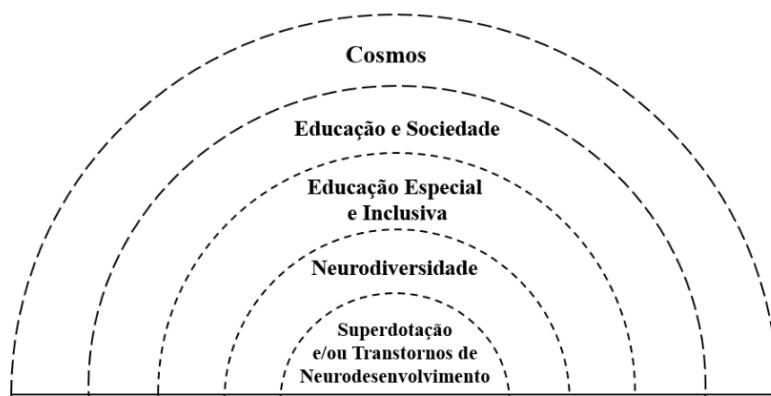
Estas crenças prejudicam completamente a educação e a saúde de pessoas superdotadas, bem como a coletividade, visto que estas pessoas têm sido amplamente obstruídas de se desenvolver, isto é, de transformar seu potencial em talentos, os quais são um proveito para elas e toda a sociedade. Este impedimento, afirmo, decorre do funcionamento estrutural da nossa sociedade envolta no constructo de normalidade. Na vida prática diária, muito ainda impera do modelo médico descrito por

Rosqvist, Stenning & Chown (2020). A superdotação não consta em manuais psiquiátricos como transtorno, visto que não o é. Porém, o fato de não ser um transtorno mental e não ter um número dentro da Classificação Internacional de Doenças (CID) tem gerado certo incômodo, socialmente. Ainda é comum que pessoas nas áreas de educação e saúde fiquem perdidas, sem saber o que fazer. Afinal, se não é transtorno, não se sabe o que fazer porque, justamente, não tem medicação para dar para as crianças superdotadas se *encaixarem*. Certamente, há situações que a medicação é um apoio fundamental para a pessoa poder funcionar minimamente melhor e há também a concepção de que, desde que possível, a medicação é diminuída e até retirada por completo. Isto também ocorre, porém, muitas vezes, atualmente, mesmo sem ter algum transtorno, crianças, jovens e pessoas adultas superdotadas estão a ser diagnosticadas com transtornos que não possuem ou estão a ser erroneamente diagnosticadas por uma coisa, sendo que é outra. Isto tem ocorrido, em grande medida, devido ao desconhecimento da medicina sobre a superdotação e o desenvolvimento neurodivergente.

Tem-se emergido narrativas de que se a superdotação fosse enquadrada como transtorno, facilitaria para as famílias receberem o atendimento adequado, nas escolas. A justificativa disso é que as pessoas com transtornos de neurodesenvolvimento têm direitos já atendidos e as superdotadas não; logo, colocar a superdotação dentro de transtorno seria a solução. Destaco que isso é um equívoco porque ideias como esta evidenciam a normalização que se ergue quando algo mexe com o sistema social. Isto porque a neurodiversidade como um todo e, em especial, a superdotação, passa a denunciar o quanto o sistema educacional formal e a sociedade precisam de mudanças. Toca na estrutura, esta mesma que está constituída pelo racismo, como bem discute Almeida (2020).

O modelo social, elucidado por Rosqvist, Stenning e Chown (2020), já faz avanços, porém, salineto que ainda são ajustes na superfície. Um exemplo para ilustrar: calçadas e prédios foram feitos sem rampas porque foram pensados para pessoas que não precisam delas. Porém, há pessoas que necessitam de rampas e, quando elas reivindicaram suas necessidades, com muita luta, foram feitas adaptações: construíram-se rampas em alguns lugares e novos prédios, por exemplo, já são construídos com rampas. É uma mudança importante a ser valorizada, sem dúvida. Porém, insuficiente porque a estrutura, como um todo, continua a funcionar para *quem não precisa de rampa*.

De um exemplo prático e palpável que são a existência ou não de rampas para pessoas que necessitam, estendo como um exercício de pensamento para pensar a vivência social de pessoas superdotadas negras e que também inclui as pessoas com condição múltipla. Para melhor olhar para isso, construí um desenho, a imagem 1, seguir.

Imagen 1. Translações

Fonte: autoria própria (2025).

Na imagem, temos cinco círculos um dentro do outro como um espiral, ou seja, de 180 graus, como camadas de uma cebola. O meio círculo mais interno é o da superdotação e/ou transtornos de neurodesenvolvimento, seguido do meio círculo da neurodiversidade, depois da Educação Especial e Inclusiva, depois da educação e sociedade e, por fim, o círculo mais extenso, do cosmos. As linhas estão tracejadas para indicar que cada círculo contém todos os demais em si como um sistema interconectado. Então, a superdotação tem em si a neurodiversidade, a educação e o cosmos; bem como o cosmos tem educação, neurodiversidade e superdotação, e assim por diante em todas as combinações. Entendo por cosmos o todo que envolve nosso Planeta e o espaço, bem como também a vivência de cada pessoa interligada a tudo que é físico e o que possa ir além do físico, mesmo que ainda não se tenha palavras para nomear. Tudo isso, em movimento, tal como a Terra se move no sistema solar, o Sol na Via Láctea e a galáxia no Universo. Este desenho pode ser pensado em 3D e, por isso, os movimentos destes círculos em espiral.

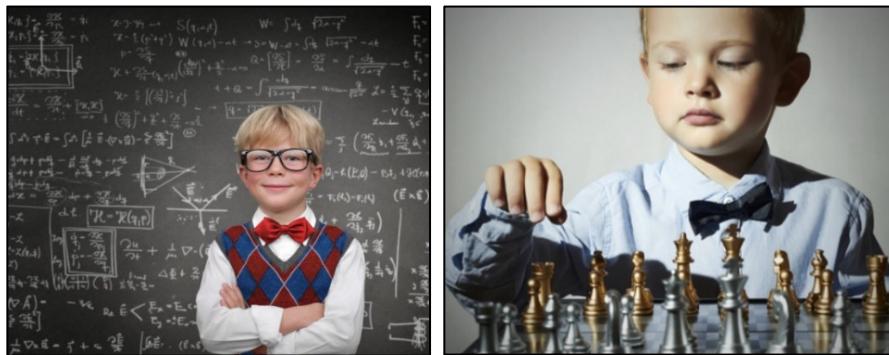
Quando se fala em estrutura social, vejo que ela funciona do micro ao macro e vice-versa e, por isso, também, requer muita energia para que ela seja mudada. O paradoxal disso é que, propriamente, a estrutura *funciona*. A questão é *como e para quem*. Nisto, se pode falar do racismo, do sexism, do capacitismo e muitas outras representações que se reúnem em conjuntos e expressam em ações que mantêm e perpetuam o constructo de ideal de normalidade. As principais ações derivadas dos conjuntos de representações são as violências. Em outras palavras, racismo, sexism, capacitismo, dentre outros, são uma coleção de ideias e narrativas que geram comportamentos e estes afetam a regulação da vida social, de como ser no mundo. Os comportamentos, por si, reforçam as narrativas. São coleções interligadas e que se combinam, de modo que uma sustenta a outra. Isto pode chegar ao extremo, como discutido por Mbembe (2016), quando a existência humana é instrumentalizada e a vida destruída pela permissão dada a determinados grupos de exercer o direito de matar. As amplas narrativas de dominação e soberania estão sustentadas por uma racionalidade

que divide seres humanos entre os que merecem a vida e o que não. O racismo é uma das expressões disso.

Neste sentido, a violência é legitimada e permitida e, destaco, mostra-se em lugares que menos parece estar presente. Observemos os exemplos de crenças de senso comum que selecionei sobre a superdotação. Elas se comunicam e combinam-se para uma representação social, aparentemente, sem intenção violenta. São pessoas que já nasceram assim, isto é, nasceram prontas. Já sabem tudo e tudo lhes é fácil, sempre têm alto desempenho na escola e na vida. São pessoas bem-sucedidas e, por isso, não precisam de atendimento educacional especializado. Logo, também, são iguais, homogêneas. Por outro lado, se não nasceram assim, seu alto desempenho e sucesso é fruto de muito estímulo da família, o que também se liga a só existir superdotação em níveis socioeconômicos mais favorecidos, já que pessoas mais ricas têm condições de estimular as crianças e dar-lhes uma educação mais qualificada. Por si, os pobres já estão, aqui, excluídos como possíveis superdotados. Novamente, tem-se a ideia de homogeneidade.

Estas crenças que se mostram em narrativas no dia a dia prejudicam profundamente o desenvolvimento de pessoas superdotadas como um todo, por toda sua vida, e também cumprem uma função de manter o sistema social como está. Transforma a superdotação em exceção e afirma que é desnecessário olhar para ela. Por trás, está uma repulsa à existência e vivência singular do Outro, este Outro que se mostra singular e sua diferença mexe no sistema sociopolítico. A repulsa vem mascarada pela imagem idealizada de pessoas de sucesso que o são porque nasceram assim ou tiveram muitas oportunidades para ser. Em ambos os casos, esta imagem oculta certo desprezo por quem se destaca. De onde provém tal desprezo por quem brilha por seus talentos? Esta é uma análise mais profunda e requer espaço para além deste texto. A quem deseja ir adiante, o trabalho de Hooks (2022) e Souza (2021) trazem elementos que auxiliam nesta análise e compreensão.

Nisto, proponho refletirmos sobre a conexão entre estas crenças populares sobre a pessoa superdotada e o racismo. No imaginário social, ao se falar em superdotação, há uma imagem proeminente. Tão proeminente que, ao digitar *imagem superdotação*, no Google, ela é a primeira que aparece e suas variantes são a maioria. Segue a Imagem 2.

Imagen 2. Imagens de Superdotação no Google

Fonte: Google Imagens (2025).

O que se pode ver, na imagem da esquerda, é um menino branco, louro, de óculos de aro grosso, de braços cruzados e com uma expressão de confiança, olhando para frente com um leve sorriso. Ele aparenta ter uns sete ou oito anos. Atrás de si, um quadro de escola cheio de fórmulas matemáticas complexas. Na imagem da direita, um menino branco, louro, frente a um tabuleiro de xadrez com peças douradas e prateadas, concentrado no jogo. Aparenta ter uns cinco anos. A roupa de ambos é similar, estão vestidos com camisa branca de manga longa e uma gravata borboleta. O menino da imagem da esquerda veste um colete também.

As variações desta imagem são um menino com os mesmos traços e um notebook ou também apontando para cima com o dedo, indicando uma lâmpada que representa ideias e inteligência. Este é um imaginário social da pessoa superdotada, no ocidente. Minimamente, vamos encontrar imagens com meninas ou com pessoas negras. Exclui-se imagem de pessoas dos povos originários das Américas ou adolescentes, pessoas adultas(os) ou idosas. A superdotação, no imaginário que funda um estereótipo, então, tem gênero, raça, classe social, idade e área de talento. É um menino, implicitamente heterossexual e cisgênero, mas explicitamente branco, de classe média ou alta, criança e habilidoso em ciências naturais, especialmente matemática e certas aplicações como xadrez e computação.

Esta imagem que reúne narrativas do que se espera que seja a superdotação gera diversas consequências tanto para pessoas brancas quanto negras e outrem. Para as pessoas brancas, tem-se a extinção de sua diversidade e singularidade de funcionamento e modos de ser, no mundo. Este estereótipo representado pelas imagens exclui tudo que se diferencia dele. Saliento que afeta diretamente, inclusive, os próprios meninos e homens brancos superdotados que, na maioria das vezes, em sua vivência e experiência quotidiana, estão distantes deste ideal. Alguns podem até se aproximar do estereótipo estético, mas variam imensamente em sexualidade, classe social, áreas de talento etc. A superdotação se mostra nas áreas de ciência, arte, liderança e esporte em que a pessoa

pode ser superdotada em uma destas áreas, em duas, três ou nas quatro. Isso, por si, já se contrapõe imensamente ao estereótipo e às crenças de senso comum que compõem o sistema social.

Destaco que esta imagem junto às narrativas de quem, supostamente, seria a pessoa superdotada parece ser uma das representações que vem justamente ao encontro da manutenção do racismo. Isto porque uma de suas bases está justamente na capacidade racional, na inteligência intelectual expressa em seu talento matemático, o qual tem sido associado ao homem branco. Então, de um lado, conforme coloca Souza (2021), há o mito negro, que o separa do branco. Este mito fala de uma natureza da pessoa negra que é caracterizada por ser irracional, feia, ruim, exótica etc. Todas estas representações se referem a um estado selvagem despossuído de cultura e educação. Ou seja, saliento, o extremo oposto deste estereótipo da superdotação. Assim, as consequências, para as pessoas negras são ainda mais profundas porque a extinção de sua singularidade e diversidade é mais expressiva e sofre violência histórica que ainda tem se atualizado a cada momento.

Hooks (2022) discute justamente que homens negros são vistos como tendo pouca capacidade intelectual e são punidos quando se mostram inteligentes. Isto os leva a camuflar seu potencial para se proteger. Igualmente, desejar espaços sociais de expressão intelectual, a começar pela própria escola, é uma luta diária. Isto porque, por exemplo, “a curiosidade, que pode ser considerada genialidade em um garoto branco, é vista como um problema quando expressada por um menino negro” (Hooks, 2022, p. 93). Esta construção social de que a pessoa negra é desprovida de inteligência sustentou e justificou o tráfico humano e a escravidão, bem como, mais recentemente, teve também apoio científico de teorias que embasaram a eugenia. Isto criou e ainda sustenta uma divisão entre selvagem e civilizado em que há o europeu e o não-europeu em que o europeu se intitulou como normal, tendo a Europa como o centro e seus habilitantes detentores do conhecimento e da sabedoria da humanidade. Eis de onde se sustentou os movimentos de invasão e colonização (Machado, 2018).

Nisto, chamo a atenção para a necessidade da intersecção com a neurodiversidade que dialoga diretamente com as expressões de eficiências e deficiências. Isto porque uma pessoa superdotada tem eficiências e pode ter também deficiências como, por exemplo, física, visual, auditiva etc. Saliento, neste momento, as eficiências porque elas tendem a ser ignoradas em qualquer pessoa superdotada, de onde brotam inúmeros sofrimentos, ao longo de sua vida. Isto ocorre com pessoas negras e brancas em que se espera que estas pessoas superdotadas, no imaginário social, sejam uma minoria, uma exceção. Porém, quando se trata de pessoas negras, elas recebem a constante demanda social, segundo Carneiro (2023), da profecia autorrealizadora que justifica a desigualdade de direitos como o acesso à educação e outros mais.

Neste sentido de profecia autorrealizadora, enfatizo que se torna mais difícil que uma criança negra, menina ou menino, seja vista como possivelmente neurodivergente, especificamente

superdotada, na escola ou em outros espaços educacionais e sociais. Carneiro (2023, p. 54) coloca que “pobreza, miséria, delinquência, analfabetismo, ignorância, indigência humana” são enfatizados nos meios de comunicação ao mostrar pessoas negras associadas a tais situações. Isto é, há um amplo processo de desqualificação da pessoa negra que perpassa pela falta de educação de qualidade, pelo rebaixamento de sua capacidade intelectual, pela evitação ao acesso de bens materiais e o prejuízo de sua autoestima e autoconceito oriundo da violência do racismo desde antes das crianças nascerem. A desqualificação da pessoa negra como um ser cognoscente e também de seus conhecimentos tem também como consequência o impedimento de que ela “alcance o conhecimento considerado legítimo ou legitimado” (Carneiro, 2023, p. 89).

Isto afeta diretamente a percepção de profissionais da educação e da saúde sobre as pessoas negras. Na escola e outros espaços, como a universidade, consciente e inconscientemente, tende-se a esperar um menor desempenho de pessoas negras, o que “influencia nas possibilidades intelectuais do estudante” (Carneiro, 2023, p. 89). Destaco que o impacto disso na saúde e desenvolvimento das pessoas superdotadas negras é avassalador quando olhamos para as crenças de que superdotação ocorre em níveis socioeconômicos mais favorecidos, que a pessoa superdotada já sabe tudo, na escola; que sempre apresenta alto desempenho em todas as disciplinas escolares, que sempre será uma pessoa adulta de sucesso etc.

Ou seja, esta pessoa do estereótipo é construída para ser uma exceção, um ideal nunca alcançado e reafirma a regra esperada de que pessoas negras nada disso podem apresentar porque, como explica Carneiro (2023, p. 98), se antes eram taxadas de sem alma, com a laicização do Estado, passaram a ser vistas como sem capacidade intelectual e de aprender, o que justificou “a não educabilidade dos negros” e reflete, hoje, em acesso, permanência e conclusão dos estudos. Diminuir e negligenciar o acesso à educação para as pessoas negras é parte de um projeto de manutenção de uma estrutura que privilegia uns às custas de outros.

Isto se aprofunda, ressalto, quando se trata do acesso à Educação Especial e Inclusiva, construída para atender as populações com necessidades específicas, como as pessoas superdotadas e que, inclusive, praticamente nada tem dialogado, diretamente, com a Educação Quilombola e a Educação Popular. Este diálogo é essencial que ocorra. Tanto que, ao olharmos para os resultados deste estudo, ínfimo 0,02% dos artigos dentro do âmbito da Educação sobre Educação Especial e Inclusiva foram publicados em uma revista exclusiva sobre temas e necessidades voltadas à população negra. Isto mostra que quase inexiste diálogo entre as questões vividas pela população negra quando é também público da Educação Especial e Inclusiva. Igualmente, nenhum artigo sobre neurodiversidade foi encontrado. Um pleno silêncio sobre isso. Seria isto um efeito do racismo? Ou seja, quem pesquisa sobre esta população parece deixar de vincular superdotação à população negra

ou mesmo transtornos de neurodesenvolvimento como TEA, TDAH e Transtornos de Aprendizagem.

No que tange a estudantes negras e negros, Carneiro (2023, p. 111) bem delimita que sua baixa performance “é reforçada e perpetuada por estes estereótipos negativos, em muitos casos levando as crianças à internalização de autoimagens negativas”. Sendo assim, como se pode esperar que a superdotação se mostre? A própria pessoa, por desenvolver sentimentos de inferioridade e até de incapacidade, deixa de ver o potencial em si mesma e, consequentemente, também tende a buscar menos realizações, além do meio social que coloca todo tipo de impedimento ao seu desempenho. Um destes impedimentos é a recusa ao pertencimento social, algo que é marcantemente vivido por pessoas superdotadas como um todo. Se pessoas brancas já vivem, as negras vivem isso e mais o racismo.

Em meu trabalho com pessoas superdotadas adultas negras e brancas, a queixa unânime é o sofrimento pela falta de se sentir pertencente ao meio social em que a maioria tem uma história de exclusão, desde a escola. Quando se trata mais especificamente de pessoas negras, minha experiência tem corroborado com Carneiro (2023) quando ela aponta que parece haver uma baixa expectativa de professores perante a criança negra e que isso afeta sua autoestima, o desenvolvimento de sua saúde emocional e cognitiva. Igualmente, a internalização da insegurança em relação a própria capacidade acadêmica paralisa o progresso intelectual. Esta insegurança é originada pelos constantes questionamentos que pessoas negras recebem sobre suas decisões e desconfianças de sua capacidade em “concluir o trabalho, pensar logicamente, escrever corretamente” (Carneiro, 2023, p. 116).

Quando se trata de superdotação, ressalto, a baixa expectativa de profissionais em ambientes educacionais tende a gerar profundos prejuízos psicológicos na infância, adolescência e vida adulta que podem, inclusive, comprometer a capacidade de autogerenciamento intelectual e emocional e, consequentemente, menor desempenho dentro e fora de instituições educacionais. Ao encontro disso, Silva (2019) coloca que as relações étnico-raciais e sua qualidade exerce ação e influência recíproca ao desempenho escolar. Destaco que uma das maiores potências de pessoas superdotadas está na combinação de sua capacidade intelectual, emocional, social e/ou psicomotora. Tudo funciona interligado e cada vez que ela é excluída, sua existência como um todo é anulada, o que gera cisões nela mesma.

Isso já ocorre com grande parte de pessoas brancas, isto é, a profecia se realiza quando se tornam pessoas de baixo rendimento em ambientes educacionais e sociais e *transtornadas*, muito distante do ideal do menino da imagem anterior, confiante e, supostamente, equilibrado, o ideal do sucesso, isto é, do *lorde* de gravata borboleta. Tão intensamente ou mais, ocorre e afeta as pessoas negras que, desde crianças, conforme ressalta Silva (2019), já lidam com a omissão e exclusão da pluralidade de modos de viver, desde o currículo escolar, o qual está organizado para garantir

desempenho a quem se identifica com narrativas de culturas de origem europeia. As contribuições de pessoas negras e de outras origens ainda recebem menos espaço, além de haver questões de racismo dentro do próprio material ofertado às(aos) estudantes. Em outras palavras, a vida escolar para crianças negras é mais difícil que para as brancas, desde o início, e se segue anos adiante quando há ainda explícitos defensores de que políticas afirmativas deveriam deixar de existir. O principal argumento é de que estas pessoas não deveriam estar na universidade porque são menos capazes intelectualmente que as demais e as demais, aqui, são as brancas.

Afirmo que a exclusão educacional, na infância, e quando se segue durante a juventude e vida adulta, é profundamente danosa para pessoas superdotadas devido ao seu modo de funcionamento intelectual e emocional que sofre mais intensamente o impacto das experiências de violência. Segundo Silverman (2013), pessoas superdotadas são profundamente sensíveis devido ao seu desenvolvimento diferenciado marcado pela sobre-excitabilidade e outros fatores. Isto, ao mesmo tempo que lhes proporciona grandes oportunidades de crescimento, também as torna mais vulneráveis ao adoecimento. Defendo, assim, que discutir educação, neurodiversidade, sendo a superdotação parte dela, e racismo se trata de uma questão de saúde pública e desenvolvimento sustentável.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No sentido desta discussão e destes apontamentos preliminares acerca da relação entre educação, superdotação e raça, incluindo demais marcadores mesmo que não tão explícitos no texto devido ao espaço, olhemos, então, para os resultados do levantamento dos artigos e o que eles sinalizam. A inclusão da neurodiversidade aos debates étnico-raciais, de gênero, classe social etc tem se mostrado insuficiente e até mesmo ausente, o que indica que isso pode ser feito. Sinaliza também o que é comumente já observado na área da Educação Especial e Inclusiva, que os estudos se voltam muito mais para as deficiências. Estas pessoas têm recebido maior visibilidade, porém, no caso das eficiências, têm estado em quase total exclusão, tanto as questões de funcionamento neurodivergente para a eficiência quanto as questões de gênero e étnico-raciais. A respeito de pessoas superdotadas como um todo e, em maior expressividade, meninas e mulheres cisgênero e transgênero, outras identidades de gênero e pessoas negras e de povos originários sulamericanos têm sido excluídas pela educação e também pela ciência. Isto se agrava ainda mais quando as pessoas são pobres e/ou imigrantes.

No que se refere, então, as novas narrativas e reflexões que podemos gerar, é possível olhar para o que fazer a partir daquilo que se tem. Então, observar o que se repete é fundamental para que possamos emitir outros estímulos e cheguem a diversos espaços. Um passo é o fomento de discussões, nos mais diversos espaços, sobre as muitas relações possíveis, dentro e fora da educação formal.

Considero que a posição antirracista é tal que considera tudo nas singularidades e, por isso, potente em trazer à tona aquilo que fica de fora. Cada momento de interação social é uma oportunidade para reconhecer a existência de cada pessoa em sua pluralidade que a torna única e digna de existir. Tornar-se antirracista significa dialogar com todos os saberes de todas as áreas da Educação e outras ciências em que ninguém fica de fora em nenhum aspecto de sua existência.

Outro passo é pensar ações coletivas de construção de espaços sociais para diálogo entre pessoas neurodivergentes como um todo e, dentro disso, as superdotadas, para que possam ter a oportunidade de se desenvolver através de autoconsciência. Assim como pessoas negras passam por processos de autodeclaração de sua existência como afrodescendentes, um processo similar ocorre com pessoas superdotadas, especialmente as adultas não identificadas na infância. Elas precisam se reconhecer como neurodivergentes e isso pode ser amplamente facilitado quando há espaços coletivos para tanto. Ao mesmo tempo, um trabalho de identificação nos primeiros anos da infância se torna preventivo de dificuldades que tendem a emergir, depois, pela falta disso.

Por fim, em âmbito de produção de conhecimento, grupos de estudo e debate, de trocas profissionais, de produção científica, de coletivos de famílias, de pessoas neurodivergentes, junto aos focos étnico-racial, de gênero, classe social etc, como um todo são fundamentais de serem fomentados dentro e fora de instituições educacionais formais. Um especial espaço para isso está no diálogo com a Educação Popular e a Educação Quilombola. É preciso ir ao encontro de pessoas onde quer que elas estejam porque é destes encontros que emergem novas possibilidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

ANTIPOFF, Cecília A. CAMPOS, Regina Helena F. Superdotação e Mitos. **Revista da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v.14, n.2, p. 301-309, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/cFcPTS7QRGqk9mKZsW5tWVz/?format=html&lang=pt> Acesso: 20 mar. 2025

BRASIL. Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: Área de Deficiência. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Especial, 1995. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf> Acesso: 25 fev. 2025

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de Racialidade**: a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CONCEIÇÃO, Natália M.; NEUMANN, Patricia. Sobre-excitabilidade, Metacognição e Metapercepção nas Altas Habilidades ou Superdotação. In: VAZZOLER-MENDONÇA, Adriana et al (Orgs.). **Altas Habilidades**: saúde, desporto e sociedade, v.1. Porto Alegre: Editora Fi, 2021, p.53-79. Disponível em: <https://www.editorafi.org/ebooks/219altashabilidades> Acesso: 25 jan.2025



HOOKS, Bell. **A Gente é da Hora:** homens negros e masculinidade. São Paulo (SP): Elefante, 2022.

MACHADO, Carlos Eduardo D. A Construção da Raça Branca e a Suposta Incapacidade Intelectual Negra para a Ciência, Tecnologia e inovação. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, Ed. Especial, p. 12-29 nov. 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1163> Acesso: 11 fev. 2025

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n.32, p. 123-151, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>. Acesso em: 25 abr. 2025.

NGARA, Constantine. Gifted Education in Zimbabwe. **Cogent Education**, v.4, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/2331186X.2017.1332840>

RECH, Andréia Jaqueline D.; FREITAS, Soraia N. Uma análise dos mitos que envolvem os alunos com altas habilidades: a realidade de uma escola de santa maria/rs. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v.11, n.2, p. 295-314, ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/JDDL9DvMmFHgLxvRWsbm6Kj/?lang=pt> Acesso: 15 abr. 2025

REIS, Sally M.; RENZULLI, Joseph S. Myth 1: The gifted and talented constitute one single homogeneous group and giftedness is a way of being that stays in the person over time and experiences. **Gifted Child Quarterly**, v.53, n.4, p. 233-235, out. 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0016986209346824> Acesso: 15 jan. 2025

RENZULLI, Joseph. S., REIS, Sally M. **The Schoolwide Enrichment Model:** how to guide for educational_excellence (2ed.). Mansfield Center: Creative Learning Press, 1997.

RENZULLI, Joseph S. Promoting Social Capital by Expanding the Conception of Giftedness. **Talent**, v.10, n1, 2020, p. 2-20. Disponível em: <https://gifted.media.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/961/2024/12/Promoting-Social-Capital-by-Expanding-the-Conception-of-Giftedness.pdf> Acesso: 25 jan. 2025

RENZULLI, Joseph S. Intelligences Outside the Normal Curve: co-cognitive factors that contribute to creation of social capital and leadership skills in young people. In RENZULLI, Joseph e REIS, Sally. (Ed.). **Reflections on Gifted Education:** Critical Works by Joseph S. Renzulli and Colleagues. New York: Routledge, 2021.

ROSQVIST, Hanna B.; STENNING, Anna; CHOWN, Nick. **Neurodiversity Studies**. New York (NY): Routledge, 2020.

SCHOLZ, Danielle. Alunos Negros e com Deficiência: narrativas da produção social de duplo estigma no espaço escolar. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 13, n. 38, p. 75-99 nov. 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1163> Acesso: 29 mar. 2025

SINGER, Judy. Why can't you be normal for once in your life? From a 'problem with no name' to the emergence of a new category of difference. In: CORKER, Mairian; FRENCH, Sally. **Disability Discourse**. Buckingham: Open UP, 1999, pp. 59-67.

SILVA, Aline G. et al. Interseccionalidade e Identidade: raça, gênero e surdez pela agência de mulheres negras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 16, Ed. especial, p. 449-472 set. 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1634>



Acesso: 10 jan. 2025

SILVA, Jorge A.P. Representações sobre a Aquisição da Língua Inglesa por Estudantes Brasileiros Surdos: um estudo exploratório e fenomenológico. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 14, n. 41, p. 136-158 ago. 2022. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1430> Acesso: 10 mar. 2025

SILVA, Petronilha Beatriz G. Raça Negra e Educação 30 Anos Depois: memórias e legados. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 11, Ed. Especial, p. 12-31 abril. 2019. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1430> Acesso: 5 mar. 2025

SILVERMAN, Linda K. **Giftedness 101**. New York (NY): Springer Publishing Company, 2013.

SOUZA, Neusa S. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar, 2021.